

RECADO DE PARIS

Paris, agosto — Estão jantando lado a lado — e nas raras vezes que se falam é com essa delicada indiferença de duas mulheres belas e bem educadas, que nem chegam a ser hostis porque nunca pensaram em ser amigas.

A conversa, na mesa, é sobre a guerra da Coréia... uma possível guerra na Europa, o paralelo 38, o Elba. Alguém me pede alguma opinião — e respondo com um ar aborrecido. Fala-se sobre liberdade, sobre justiça social, sobre civilização. Ah, sim, é bem justo e quase inevitável que se discutam essas coisas, elas não apenas interessam a todos com também a cada um. Cada um de nós pode ter sua vida completamente róta pelo mais mínimo incidente desse jogo monstruoso de guerra e paz — mas não é em todos, nem em mim, que penso. Penso nessas duas mulheres que estão em minha frente.

A brasileira é menor, de uma cor morena desmaiada, os cabelos castanhos, os dentes pequenos perfeitos na boca levemente carnuda — e esses olhos, misteriosa sombra de veludo entre o azul e o cinza, esses olhos que a certa luz a fazem docemente cega como estátua, a outra luz fulgurações de gata mansa. A outra é mais branca, tem os cabelos mais pretos, a cara mais musculada de ossos mais salientes, o queixo talhado com força, a voz mais alta e mais grave. E' talvez mais jovem, mais animal e seus olhos negros e luminosos não têm mistério nenhum.

Para que descrever mulheres? Nada é mais inútil no mundo. Passeio o olhar com prazer de uma para outra — e de repente me vem a idéia de que essa guerra de que tanto falam pulverizaria, com certeza, essa pequena roda já tão ocasional que formamos esta noite. Somos quatro homens e quatro mulheres comendo entre árvores, numa noite de verão — e qualquer dia poderemos estar separados, distantes, sem notícia e quase sem lembrança. Quando vão fazer a guerra os governos escondem suas obras de arte — mas quem pensa nas criaturas humanas? Elas passam a ser números, vagos números que se juntam, se dispersam e se perdem ao acaso dos acontecimentos. Lembro-me de uma tarde, dois ou três dias antes da ofensiva da primavera, na Itália: voltei do front, tomei um banho, e como ainda estava claro deitei-me um pouco na grama, na frente de uma casa, na pequena aldeia cheia de árvores floridas. Da guerra ouvia-se apenas, longe, o rumor da artilharia — e ali perto ainda cantavam pássaros. Havia duas moças belas, que o acaso da guerra deixara ficar naquela aldeia. Mas estavam tão bem ali, sem seus vestidos simples, entre as madeiras, que parecia que assim haveria de ser eternamente. Lembro ainda suas vozes cantantes, e que uma tinha cruzado e balançava as pernas morenas e nuas. Esqueci suas faces e seus nomes

Que fica da contemplação da beleza? A menos que seja longa, nada resta que essa vaga impressão ainda cheia de encanto, mas já despojada das formas e das linhas. Lembro-me apenas do meu próprio prazer em ter o corpo limpo e poder deitar no chão, depois de dois dias de fadigas, perigos e poeira e julgo me lembrar das vozes toscanas, e das pernas cruzadas. Nesse jantar de outro dia alguém ergueu um brinde banal. Foi, entretanto, com emoção, que ergui o copo às duas belas companheiras de mesa. Saúde e felicidade, paz e beleza eterna a vós duas milagres de arte humana e doçura sem fim, é a vós e a vossas irmãs que bebo, é a vós que ouvís distraídas toda essa conversa feroz e ruim dos homens — e fora disso que a guerra arrebente todos e tudo, e a mim mesmo me mande para o inferno. Já manda tarde!

10.8

R. B.

10.8.50